



ENTREVISTA

“É preciso refletir sobre o texto acadêmico para além dos aspectos textuais”

Ana Paula Kuczmynda da Silveira

Desde o primeiro semestre de 2022, o Conselho Editorial do IFSC, em conjunto com a Coordenadoria de Publicações, vem promovendo a série formativa “Diálogos Acadêmicos”. A iniciativa tem por objetivo promover debates visando qualificar processos editoriais. As palestras são transmitidas pelo canal do IFSC no Youtube, com a perspectiva de promover um intercâmbio com pesquisadores e leitores do Portal Periódicos do IFSC. A presente seção é um espaço de diálogo para aprofundar tópicos que surgiram no debate “Diálogos Acadêmicos: aspectos essenciais no processo de construção do texto acadêmico”, conduzida pela professora Ana Paula Kuczmynda da Silveira.

Ana Paula é doutora em Linguística, diretora-geral do campus Gaspar do IFSC e líder do grupo de pesquisa “Multiculturalidade, Interseccionalidades e Formação de Professores”. Desenvolve pesquisas na área de letramentos/multiletramentos em língua materna, ensino e aprendizagem de língua portuguesa como primeira língua e língua de acolhimento, educação bilíngue e formação de professores. Nesta entrevista, Ana Paula fala à Revista RTC sobre os aspectos relacionados à produção do texto acadêmico, à autoria, bem como sobre a função social da pesquisa.

Revista RTC: Em sua participação no “Diálogos Acadêmicos”, você ressaltou a necessidade do pesquisador se reconhecer como tal, assumindo a sua trajetória e compreendendo que ela faz parte de todo processo de pesquisa que ele desenvolveu. O que implica em uma responsabilidade autoral e ao fato de que é impossível ser neutro nesse processo. Você poderia compartilhar um pouco da sua própria trajetória como pesquisadora? Quais foram os desafios que mais a marcaram?

Ana Paula: Acho que a pesquisadora foi se construindo junto com a professora e, sobretudo, com a cidadã. Isso talvez tenha sido o processo mais rico, quando eu penso no meu processo de construção como pesquisadora. Porque implica o reconhecimento da minha responsabilidade social e da responsabilidade social da pesquisa que eu realizo. Acho que, hoje, quando eu penso em realização de pesquisa, a primeira coisa que eu me pergunto é: para quê? O que que eu mudo, ou no que eu posso colaborar para mudar, na sociedade, quando eu me embrenho nos caminhos, nas trajetórias da pesquisa que eu estou realizando. Acho que essa deve ser a pergunta que, necessariamente, nós, pesquisadores, precisamos nos fazer. Precisamos nos questionar muito, principalmente pesquisadores que trabalham diretamente com pesquisa aplicada, como os dados das pesquisas que fazemos, os resultados, as considerações que fazemos a respeito do que trabalhamos, pode, de alguma forma, colaborar para a transformação social e transformação dos sujeitos que nós pesquisamos e com os quais nós dialogamos. Hoje, quando penso em pesquisa, penso dentro dessa perspectiva de pesquisa viva, implicada socialmente com os sujeitos que são pesquisados e para os quais eu preciso dar um feedback a respeito daquilo que eu estou pesquisando. Então, eu diria que, hoje, sou uma pesquisadora socialmente implicada com a pesquisa que eu realizo, no sentido mesmo de construir inteligibilidade sobre os contextos sociais nos quais eu atuo, sobre as comunidades junto das quais eu estou realizando a pesquisa e para as quais eu preciso entregar um produto, um feedback, um resultado. E, com certeza, a missão institucional que nós temos no IFSC foi fundamental para mudar meu olhar sobre a pesquisa, porque me fez olhar esse outro que precisa dos resultados da pesquisa e que está sendo, muitas vezes, o meu sujeito de pesquisa. A gente tem a responsabilidade de, alguma forma, colaborar para a sua transformação e não no sentido de algo passivo, de que nós vamos transformá-lo, e sim de uma transformação ativa, de um empoderamento desses sujeitos por meio do conhecimento, do compartilhamento dos resultados e das ações de pesquisa para que eles se vejam parte desse processo.

Revista RTC: Na sua experiência enquanto docente, o que você observa como as maiores dificuldades dos estudantes no processo da pesquisa? As questões emocionais podem afetá-los? Qual seria o papel do docente ou do orientador nesse caso?

Ana Paula: Acho que uma das maiores dificuldades do estudante é se reconhecer autor. Isso resulta de muitos processos como o de se reconhecer pesquisador. Uma das principais responsabilidades do orientador é auxiliar o estudante que ele orienta a se ver e se descobrir como pesquisador e, como tal, compreender a responsabilidade que ele tem nesse processo de pesquisa e o compromisso que tem com ele mesmo, com o programa mas, sobretudo, com a sociedade. Muitas vezes nós falamos na dor do mestrado e do doutorado, a dor do TCC e da pesquisa. E, realmente, vai ser só dor se eu não conseguir me ver nesse processo como alguém que produz algo, que pode produzir transformação social e que pode ser agente de transformação. Então, é muito importante, inclusive para a superação desses momentos em que a gente tem vontade de desistir e não se enxerga no processo de pesquisa, em que a gente observa ou vive a solidão do processo de pesquisa e, sobretudo, do processo de escrita, a gente entender o papel transformador que pode ter quando produz pesquisa e quando divulga os resultados dela. E aí que entra importância da divulgação científica. O orientador tem um papel muito importante, que é o de abrir as portas e os olhos do estudante que ele orienta para essa divulgação científica, para a importância de que seus dados, suas considerações, as inteligibilidades que ele, de alguma forma, trouxe à tona e ajudou a construir, que elas sejam amplamente divulgadas e cheguem àqueles que mais precisam. Porque daí todo o processo vai ganhando sentido. Então não tem só a dor, tem a alegria de você se ver nesse processo também e de se ver nessa potência transformadora.

Revista RTC: Seguindo as teorias que abordam os gêneros do discurso, compreender a função e o auditório sociais dos textos produzidos, sejam em linguagem escrita ou na oralidade, é um aspecto fundamental que, no contexto acadêmico, impacta diretamente na efetividade da divulgação científica. Mas, para além da divulgação entre os pares, podemos pensar na necessária aproximação da academia com a sociedade. Você considera que houve avanços nesse sentido, nos últimos anos? Você vê nas pesquisas e nas divulgações científicas realizadas pelos institutos federais alguma especificidade?

Ana Paula: Essa é uma pergunta fundamental porque, realmente, uma pesquisa só vai ser válida se ela chegar às pessoas que ela precisa atingir. Isso vale tanto para a pesquisa pura quanto para a aplicada. Nós temos sempre um auditório social dessa pesquisa, independentemente do gênero no qual ela circula. Acho que temos dois processos nos quais a gente precisa pensar. Um deles acabou acontecendo durante a pandemia, que foi a popularização dos eventos online, e isso acabou levando informação a muita gente. Num momento em que a gente tem a circulação de tantas *fake news*, nós também temos uma democratização do acesso à informação de qualidade. Infelizmente, acho que a grande dificuldade ainda está em as pessoas conseguirem compreender onde essa informação de qualidade se encontra. Além disso, nós temos um trabalho sensacional feito pelos mestrados profissionais que têm como objetivo não só a geração de uma dissertação, mas também de um produto educacional e esse acaba circulando mais entre as pessoas que, efetivamente, precisa atingir e os sujeitos com os quais ele dialoga. Então acho que os mestrados profissionais têm um papel muito importante nesse processo. Mas eu queria realçar muito o papel dos institutos federais. Seja pela capilaridade que eles têm; seja pelo fato de nós introduzirmos o jovem na pesquisa muito cedo e, ao inseri-lo nesse processo, a gente introduz também a sua família; seja por conta do número de eventos e ações de divulgação científica que nós promovemos ao trazer escolas e crianças para conhecer esses trabalhos e se integrarem ao universo da pesquisa. Então, acho que a capilaridade, a maneira como nós chegamos, a proximidade das pessoas e da sociedade fazem com que os institutos federais sejam, hoje, um dos principais agentes de divulgação científica e de popularização dessas informações no país. Eu não tenho dúvida disso. Eu queria também ressaltar a importância das revistas de extensão. Por vezes, o artigo científico é mais elaborado e tem uma linguagem mais complexa, que não atinge

a todos. Mas as revistas de extensão vêm com uma proposta um pouco diferente. Para além dos artigos científicos, nós vamos ver, por exemplo, os relatos de experiência que podem ser lidos de uma maneira mais fácil e que permitem, muitas vezes, ao leitor, replicar os resultados, os procedimentos, as metodologias que foram trabalhadas. Acho que é muito importante realçar e lembrar sempre que pesquisa e extensão estão muito próximas. Então, quando a gente pensa numa revista de extensão, é muito difícil descolá-la do universo da pesquisa. Ela também é pesquisa de certa forma e colabora para a divulgação científica.

Revista RTC: No contexto escolar, há espaços privilegiados para as reflexões linguísticas, como as aulas de Língua Portuguesa e Comunicação Técnica. Recentemente, a Coordenadoria de Publicações da Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação do IFSC lançou um curso de formação para a iniciação científica focado na escrita acadêmica para discentes bolsistas de pesquisa. Quais outras possibilidades de espaços de discussão e formação para a comunicação escrita e oral poderiam ser pensados e como fomentá-los?

Ana Paula: No câmpus Gaspar do IFSC nós oferecemos o curso de revisor de textos. Estamos, agora, nos debruçando para a elaboração de uma especialização em revisão de textos. É um curso pouco oferecido no país, sobretudo de forma gratuita. Então acho que isso é importante: que tenhamos cursos específicos de revisão de texto. Claro, a revisão de texto pode ter diversas particularidades, depende do texto que eu estou revisando, do gênero ao qual ele se alinha, do auditório social que ele tem. Acho que seria muito importante que nós criássemos fóruns de discussão, eu vejo isso como uma proposta muito rica. Tenho contato com boa parte dos meus ex-estudantes dos cursos de revisão de textos e as dúvidas se renovam o tempo todo. Acho que seria muito importante também se pudéssemos ter, para os egressos desses cursos, uma espécie de balcão de revisores que pudessem disponibilizar as suas atividades, os seus serviços aos estudantes, inclusive no sentido de guiá-los, muitas vezes, no processo de escrita. Mas eu acho que a ação mais importante precisa se voltar aos professores e orientadores desses processos de escrita. Acho que, muitas vezes, nós ainda nos detemos na forma e deixamos de lado outras questões vinculadas ao conteúdo e às potências que a pesquisa propriamente tem. Então me parece que essa discussão ela é premente: quem é o pesquisador? Para que ele existe? Por que ele faz, para quê e para quem ele faz pesquisa? Como ele registra essa pesquisa? Quais as formas de registro existentes? Acho que essa discussão seria muito importante de se realizar institucionalmente, quem sabe, inclusive, num evento institucional como o Sepei (Seminário de Ensino, Pesquisa e Extensão do IFSC), voltado, efetivamente, aos orientadores. Porque, de certa maneira, são eles que são os mediadores mais experientes que vão guiando os estudantes no processo de escrita.

Revista RTC: Você defende que desde a educação infantil devem ser criadas estratégias para se trabalhar a pesquisa e o letramento científico com os estudantes. Poderia relatar a experiência desenvolvida pelo câmpus Gaspar do IFSC quanto à formação de formadores nessa área? O que mais chama a atenção nesse processo formativo com as crianças?

Ana Paula: Quando nós pensamos, tradicionalmente, em pesquisa, nós, muitas vezes, a vinculamos à academia e aos institutos federais e as universidades, no nível superior e de pós-graduação. No entanto, a criança é, naturalmente, questionadora. Ela tem o desejo de investigar e investiga e descobre ela mesma e o mundo à sua volta, de uma forma muito intensa. Então quando nós permitimos que a criança o faça, mas também vamos construindo uma consciência a respeito desse processo, nós conseguimos que um processo natural da criança, em lugar de ele ser reprimido, como muitas vezes a escola o fez, ele seja incentivado e potencializado. Nesse sentido, é muito importante também que se perceba que os estudantes, nesse momento da educação infantil, eles também estão se construindo ou se percebendo em diferentes papéis. Quando se fala que um dos pilares da educação infantil são as brincadeiras entre um e outro, as interações, é preciso entender de que brincadeiras e de que interações nós estamos falando. Essa interação é com o outro, com o ambiente, com objetos ou com a natureza? E uma interação com ela mesma, com seus pares e com os adultos com quem ela dialoga? Esse é um movimento de descoberta e, como eu disse, ele pode ser mediado e isso pode levar à construção de pequenos pesquisadores. Por outro lado, a gente vai pensar que essas interações se dão no universo da brincadeira. E o que é brincar dentro dessa perspectiva? É você se colocar em diferentes papéis e ressignificar, de alguma forma, a realidade, repensá-la, analisá-la, colocá-la em perspectiva, pensar outros cenários possíveis e entre eles está o

de se ver em diferentes papéis. Um desses papéis sendo que é o de pesquisador. E aí a gente vê a potencialidade que isso tem porque, muitas vezes, quando já maiores, mais velhos, adolescentes ou adultos, nós dizemos: "eu não sei pesquisar", "eu não me vejo na pesquisa", ou a gente percebe que pesquisa é para uns e não para outros, ou que é para meninos e não é para meninas. Quando nós construímos isso, a partir da educação infantil, a gente entende que o processo de pesquisa se inicia desde que nós somos muito pequenos. Mas ele precisa, como eu disse anteriormente, ser orientado para que a gente possa trabalhar a confirmação ou não de hipóteses; para que a gente trabalhe, por exemplo, a possibilidade de que algumas das hipóteses que a gente construa sejam mostradas não válidas e tenham que ser substituídas por outras. A escola não trabalhou a construção de hipóteses, ela trabalhou a noção de erro e acerto. Mas nós, pesquisadores, sabemos que, muitas vezes, uma pesquisa que "deu errado", na verdade, não deu errado. Ela foi uma hipótese mal construída, ela precisa ser revista e abre o caminho para uma série de outras descobertas. Então quando nós revemos a abordagem e colocamos o estudante nessa perspectiva de se reconhecer como pesquisador desde muito pequeno, nós abrimos um leque de grandes oportunidades nesse processo de descoberta, de significação e ressignificação do mundo, de construção de hipóteses e construção, inclusive, de resultados, soluções para desafios que estão postos no dia a dia. Nós temos, hoje, resultados muito significativos nesse processo com a educação infantil e eu gostaria de trazer à baila uma experiência específica com o Centro de Educação Infantil Antônio José Curtipassi, de Blumenau, no qual a gente vem trabalhando com letramento científico com as crianças muito pequenas, numa iniciativa que envolve a formação continuada de professores e uma das nossas maiores conquistas, que é ver que essas crianças se reconhecem pesquisadores, elas se sentem estimuladas à pesquisa e conseguem se colocar nesse lugar. Esperamos que esse movimento leve com que elas, ao longo do processo de escolarização, não sejam estudantes ou sujeitos passivos dentro de um processo de construção da aprendizagem. Muito pelo contrário, que elas se coloquem num lugar ativo, crítico, questionador, de busca e de descoberta.

Revista RTC: Na escrita científica, você destaca que a construção textual deve estar concebida a partir de uma verdadeira “pedagogia das perguntas”. Além disso, ressalta a necessidade de revisão, não somente pelo próprio autor mas, idealmente, por outros olhares. Você, enquanto líder de grupo de pesquisa, professora e também gestora, enxerga alguma dificuldade para realizar esse processo de compartilhamento em grupos e círculos de estudo e pesquisa? E se houver, o que poderia ser feito para contorná-la?

Ana Paula: Acho que uma das grandes dificuldades que nós temos no universo da pesquisa é que ela ainda é muito solitária e precisava ser mais solidária. Até por conta das nossas dificuldades com relação a tempo, a agendas, à própria carga horária que nós temos para pesquisa, é muito comum que os grupos de pesquisa se reúnam pouco. Também não temos, nos institutos federais, normalmente, linhas de pesquisa muito consolidadas. Então a pesquisa acaba sendo muito a pesquisa do pesquisador, ou a pesquisa daquele pesquisador com o seu orientando e não de um grupo. Ou seja, não há pesquisadores, não há sujeitos que discutam essa pesquisa. Como eu disse, ela acaba sendo a pesquisa de uma pessoa. Isso enfraquece os elos entre a pesquisa e a instituição porque, de certa forma, se aquele professor ou aquela professora se afastam do processo de pesquisa ou do grupo de pesquisa, ou vão para uma outra instituição, ou se aposentam, aquela linha ou área de pesquisa acaba fragilizada. Então acho que seria muito importante que nós tivéssemos nos próprios editais institucionais uma valorização maior a ações vinculadas a grupos de pesquisa e não, unicamente, fruto do trabalho de um pesquisador. Não que o trabalho de cada pesquisador, individualmente, não seja importante. Mas é exatamente para que a gente possa fomentar esse diálogo. Acho também que seria muito importante que nós tivéssemos encontros de grupos de pesquisa. Podem ser encontros virtuais. Poderíamos aproximar grupos que trabalham dentro de uma mesma área. Também seria uma iniciativa importante porque, muitas vezes, nos 22 câmpus do IFSC temos pesquisas semelhantes em regiões muito distantes e nem conhecemos aquilo que os outros estão pesquisando. Então isso seria muito importante que nós tivéssemos essa oportunidade de colocar esses grupos em diálogo e aproximá-los.

Revista RTC: Podemos dizer que a revisão textual tem o intuito de buscar atingir aquelas que seriam as palavras-chave para a escrita acadêmica: acessibilidade, coerência científica e textual e adequação. Como tem sido a experiência do câmpus Gaspar do IFSC com o curso de revisor de textos? Qual o perfil dos estudantes que mais procuram a formação? Quais os resultados que já se observam a partir dela na comunidade acadêmica?

Ana Paula: Ele é um curso muito procurado e esperado. A gente recebe muitos questionamentos sobre quando vai abrir a próxima turma. É um curso em que o índice de conclusão é muito elevado. Normalmente, são estudantes muito focados na revisão de textos, alguns já com atuação como revisores ou em profissões afins. Nós temos muitos professores que procuram o curso, mas também muitos jornalistas e publicitários. Esse é o público mais relevante, em termos numéricos, que procura o curso. É um curso diferente também porque a gente mantém um diálogo muito intenso com os egressos. Eles estão sempre me procurando para trocar ideias e opiniões, como ficaria melhor esse texto ou mesmo trazendo ideias e sugestões. Questões que eles estão observando em textos e que, para eles, parecem precisar de revisão, então eles mandam, muitas vezes, exemplos desses textos que eles entendem que precisam de revisão. Mas a troca de ideias, sobretudo, é muito intensa e isso faz com que o curso, de certa forma, se retroalimente porque a gente acaba sempre tendo material muito atual. O desafio que nós temos é a formação do banco de revisores, que é uma intenção nossa, para que a gente possa disponibilizar o contato desses egressos para aqueles que têm interesse em revisão textual. Estamos agora vendo como fazer, mas para a gente seria uma ação muito importante porque é uma maneira de vincular esses egressos e também, de certa forma, ratificar o trabalho que eles fazem.

Revista RTC: Nas considerações finais de um texto científico, espera-se, entre outros pontos, que o pesquisador discorra sobre o impacto da pesquisa para a área do conhecimento, bem como indique possibilidades futuras que se abrem a partir do seu trabalho. Assim, quais seriam as suas considerações quanto à iniciativa da série “Diálogos Acadêmicos” e a sua participação?

Ana Paula: Em primeiro lugar, eu quero agradecer o espaço que me foi dado na *live* e o convite para essa entrevista para que a gente pudesse ampliar as discussões lá realizadas. Acredito que a tônica dessa entrevista foi pensar o texto acadêmico para além dos aspectos textuais propriamente ditos porque nós não podemos nos esquecer que, nos nossos discursos e enunciados, nós imprimimos um querer-dizer. Ele é determinante para o que vamos escrever e representa o amálgama, o espaço de catarse de uma série de informações sobre quem nós somos, quem somos como pesquisadores, o porquê pesquisamos, para quem pesquisamos, quem desejamos que leia nossos textos, o porquê escrevemos um texto, onde vamos divulgá-lo. Então são uma série de questionamentos que nós precisamos nos fazer antes de, propriamente, iniciar o processo de escrita. E eu diria mais: antes de iniciar o próprio processo de pesquisa. Acho que era isso que eu gostaria de deixar muito marcado nesse nosso diálogo. Que essas perguntas antecedam o processo de pesquisa e de escrita para que, realmente, nós possamos ter uma pesquisa que circule, que chegue às pessoas e que possa transformar contextos.

Por Ana Cláudia Burmester, mestra em Educação Profissional e Tecnológica pelo Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (Profept). Coordenadora de Pesquisa na Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação do IFSC.